São 4 horas da manhã e eu estou esperando por uma chamada do Skype de um hacker refugiado no Canadá.

Depois de semanas de contato através do Twitter e e-mails criptografados com o "Commander X", eu finalmente teria a chance de falar com ele pessoalmente. Depois de uma hora sem chamada, desisto e volto para a cama.

"Você nunca pode ter certeza absoluta sobre o que está acontecendo, quem está envolvido", diz Gabriella Coleman, antropóloga da Universidade McGill no Canadá, que passou anos estudando hackers operando sob a bandeira de grupos ciberativistas como o Anonymous e Lulzsec.

Mas ela diz, "não ser capaz de entender completamente quem está por trás da máscara é o que dá poder político ao seu anonimato”.

Mesmo se você nunca ouviu falar do Anonymous, você provavelmente já viu os seus seguidores usando as famosas máscaras da série de quadrinhos e filme V de Vingança, de Alan Moore.

O movimento surgiu em 2008, após um ataque ao site da Igreja de Cientologia. Desde então, seus alvos variaram de empresas como o PayPal até políticos e governos. Mas quem são as pessoas que realizam esses ataques e por que eles fazem isso?

O ativismo na Internet (também conhecido como ativismo na web, ativismo online, campanha digital, ativismo digital, organização on-line, defesa eletrônica, ciberativismo, e-campanha e e-ativismo) é o uso de tecnologias de comunicação eletrônica como mídia social, e-mails, podcasts para várias formas de ativismo para permitir uma comunicação mais rápida por movimentos de cidadãos e a prestação de informações locais para um grande público. As tecnologias da Internet são usadas para angariar fundos, construção de comunidades, fazer lobby e organizar. Uma campanha de ativismo digital “é um esforço público organizado, fazendo reivindicações coletivas sobre uma autoridade alvo, na qual iniciadores cívicos ou apoiadores usam meios digitais” e, portanto, podemos concluir que é um forte movimento social em prol da liberdade, certo? Nem sempre.

De acordo com Sandor Vegh, o hacktivismo se concentra em um dos seus 3 princípios chamado Ação/Reação, que consiste em:

* [Ataques DDoS](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ataque_de_nega%C3%A7%C3%A3o_de_servi%C3%A7o)
* Desenvolvimento [software livre](https://pt.wikipedia.org/wiki/Software_livre) (código aberto)
* Espelhamento de sites, onde o hacker replica o site em outros domínios para fugir de bloqueios.
* [Criptografia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Criptografia)
* [Código](https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3digo), diversas rotinas computacionais para fins específicos ou ações pontuais.

A Internet é um recurso fundamental para ativistas independentes, "Especialmente quando uma séria violação dos direitos humanos ocorre, a Internet é essencial em relatar a atrocidade ao mundo exterior."

Ativistas da Internet também enviam e-petições para serem enviadas ao governo e organizações públicas e privadas para protestar e pedir mudanças políticas positivas em áreas do comércio de armas para testes em animais. Muitas organizações sem fins lucrativos e instituições de caridade usam esses métodos, enviando petições para aqueles em sua lista de e-mail e pedindo às pessoas para compartilhá-los. A Internet também permite que organizações como ONGs se comuniquem com os indivíduos de forma barata e oportuna. Reuniões e protestos podem ser organizados com a contribuição dos organizadores e dos participantes. O lobby também é facilitado pela Internet, graças ao e-mail em massa e sua capacidade de transmitir uma mensagem amplamente a um custo pequeno. O conceito de organização / mobilização de Vegh, por exemplo, pode referir-se a atividades que ocorram somente on-line, ou off-line, mas organizadas on-line, ou uma combinação de online e off-line. Os principais sites de redes sociais, mais visivelmente o Facebook.com, também estão disponibilizando ferramentas de ativistas eletrônicos para seus usuários. Uma cultura participativa ativa é ativada pelas comunidades em sites de redes sociais, porque eles permitem a comunicação entre grupos que são incapazes de comunicar. No artigo "Por que discutimos sobre comunidade virtual: um estudo de caso da comunidade de fãs do Phish.net", assim Watson enfatiza a necessidade de comunicação em comunidades on-line. Ele até chega a dizer que "Sem uma comunicação contínua entre seus participantes, uma comunidade se dissolve". A constante capacidade de comunicação com os membros da comunidade enriquece as experiências da comunidade on-line e redefine a palavra comunidade.

**Certo, mas então como se faz?**

Explorando a dinâmica do ativismo on-line para expressar resistência a uma organização poderosa, um estudo publicado em Information and Organization desenvolveu uma abordagem de massa crítica para o ativismo on-line. Os resultados foram integrados em um modelo de processo longitudinal de quatro anos que explica como o ativismo on-line começou, gerou resultados sociais e mudou ao longo do tempo. O modelo sugere que o ativismo on-line ajudou a organizar ações coletivas e amplificar as condições para que os movimentos revolucionários se formassem. No entanto, ele provocou reações de elites como filtragem e vigilância da Internet, que não apenas promovem a autocensura e geram divisão digital, mas contribuem para o declínio final do ativismo ao longo do tempo. O modelo de processo sugere uma interação complexa entre os interesses das partes interessadas, as oportunidades de ativismo, os custos e os resultados que não são previstos nem totalmente previsíveis. Os autores questionam o acesso universal à Internet como um fórum conveniente e livre de custos para praticar o ativismo social por parte de atores organizacionais (clientes, funcionários, terceiros). De fato, os capacitadores tecnológicos do ativismo social também permitem sua filtragem e repressão e, portanto, estados mais extremos de assimetria de informações podem resultar em que elites poderosas preservem seu status e impõem uma maior divisão digital.

Em um estudo, discute-se um modelo de desenvolvimento da mobilização política. Por cidadãos que se juntam a grupos e criam discussão, eles estão começando sua primeira fase de envolvimento. Progressivamente, espera-se que eles vão começar assinando petições on-line e graduando-se para contatos off-line, enquanto a organização fornece ao cidadão escalonamento etapas de envolvimento (Vitak et al., 2011).

A questão da centralidade dos meios de comunicação tem sido altamente contestada, com algumas pessoas argumentando que ela promoveu as vozes de grupos marginalizados, enquanto outros acreditam que envia as mensagens da maioria sozinho, deixando os grupos minoritários para ter suas vozes roubadas.

**Um mundo de possibilidades totalmente novo.**

O ativismo na Internet teve o efeito de aumentar a ação coletiva entre as pessoas, como descobriu Postmes e Brunsting (2002), que descobriram uma tendência entre os internautas de confiar nas associações de grupos internalizados e nas identidades sociais para alcançar o envolvimento social on-line. A Internet é "feita sob medida para um movimento populista e insurgente", diz Joe Trippi, que gerenciou a campanha de Howard Dean. Em seu livro de memórias de campanha, The Revolution Will Not Be Televised, Trippi observa que:

*As raízes da Internet na ARPAnet de código aberto, sua cultura de hackers e sua arquitetura descentralizada e dispersa tornam difícil para os grandes, os candidatos do Estado, as empresas e os meios de comunicação ganharem o controle dele. E o Estado odeia o que não pode controlar. Esta independência vem da sua concepção, e a comunidade da Internet valoriza acima de quase qualquer coisa a distância que tem do fluxo lento e homogêneo do comércio e cultura americana como influência. Candidatos progressistas e empresas com visão de futuro têm uma vantagem na Internet, também. A televisão é, por natureza, um meio nostálgico. A Internet, por outro lado, é um meio inovador e revolucionador, adotando mudanças e empurrando o desenvolvimento da tecnologia e comunicação.*

**Tecnologias de comunicação de informação**

As tecnologias da informação e da comunicação (TIC) tornam a comunicação e a informação facilmente disponíveis e eficientes. Existem milhões de contas do Facebook, usuários do Twitter e sites, e pode-se educar-se sobre quase qualquer assunto. Embora esta seja em sua maior parte uma coisa positiva, também pode ser perigoso. Por exemplo, as pessoas podem ler os últimos eventos de notícias com relativa facilidade e rapidez, no entanto, há perigo no fato de que a apatia ou fadiga pode surgir rapidamente quando as pessoas são inundadas com tantas mensagens, ou que a voz mais alta sobre um assunto pode muitas vezes ser a mais extrema, distorcendo a percepção do público sobre a questão.

Estas redes sociais que ocupam as TIC são simplesmente formas modernas de instrumentos políticos anteriores à era tecnológica. As pessoas podem agora ir para fóruns on-line ou Twitter em vez de reuniões da prefeitura. As pessoas podem essencialmente se mobilizar em todo o mundo através da Internet. As mulheres podem criar alianças transnacionais e fazer lobby por direitos dentro de seus respectivos países, eles podem se dar dicas e compartilhar informações atualizadas. Esta informação torna-se "hipertextual", disponível em formatos para download com acesso fácil para todos. As organizações da ONU também usam formatos "hipertextuais". Eles podem postar informações sobre as próximas cúpulas, podem publicar boletins sobre o que ocorreu nessas reuniões e links para vídeos podem ser compartilhados. Todas essas informações podem ser baixadas com o clique de um botão.A ONU e muitos outros atores estão apresentando essas informações na tentativa de obter uma determinada mensagem na esfera cibernética e consequentemente orientar a percepção pública sobre uma questão.

Com todas essas informações tão prontamente disponíveis, há uma tendência crescente de "slacktivismo" ou "clicktivismo". Embora seja positivo que a informação possa ser distribuída de forma tão rápida e eficiente em todo o mundo, há negatividade no fato de que as pessoas frequentemente consideram essa informação como certa, ou esquecem rapidamente dela, uma vez que a viram passar pelas telas de nossos computadores. As campanhas virais são ótimas para despertar o interesse inicial e a conversa, mas não são tão eficazes no longo prazo - as pessoas começam a pensar que clicar em algo é suficiente para uma contribuição, ou que publicar informações sobre um tópico atual em seu Facebook ou Twitter significa que eles fizeram a diferença.

**Criticismo**

**Questões demográficas**

Os críticos argumentam que o ativismo da Internet enfrenta os mesmos desafios que outros aspectos da divisão digital, particularmente a divisão digital global. Alguns dizem que dá representação desproporcional para aqueles com maior acesso ou capacidade tecnológica. Os grupos que podem ser prejudicados pelo movimento para a atividade ativista on-line são aqueles que têm acesso limitado a tecnologias, ou falta de conhecimentos tecnológicos para se envolver de forma significativa on-line. Estes incluem minorias étnicas e raciais, os de menor nível socioeconômico, aqueles com níveis mais baixos de educação, e os idosos.

Um estudo analisou o impacto dos sites de redes sociais (SNS) em vários dados demográficos e sua atividade política. Não surpreendentemente estudantes universitários usaram SNS para a atividade política demais, mas este foi seguido por um grupo mais improvável, aqueles que não tinham concluído o ensino médio. Além disso, a probabilidade de os cidadãos não brancos consumirem informações políticas mostraram-se mais altas do que as dos brancos. Estes dois resultados vão em frente de previsores normais de atividade política. Apesar destas descobertas surpreendentes, as gerações mais velhas, mostraram os mais altos níveis de mobilização política. Os atos de mobilização política, como a angariação de fundos, o voluntariado e o protesto, exigem maior interesse, recursos e conhecimentos (Nam, 2010).

**O verdadeiro debate?**

“A experiência da câmara de eco é mais fácil de criar com um computador do que com muitas das formas de interação política que a precederam", disse Sunstein ao New York Times." A discussão será sobre estratégia, corrida de cavalos ou quão ruim os outros candidatos são, e vai parecer um debate. Não é como se isso deveria ser censurado, mas pode aumentar a acrimonia, o extremismo e tornar a compreensão mútua mais difícil. ”

Por outro lado, Scott Duke Harris do San Jose Mercury News notou que "a Internet conecta todos os lados das questões, não apenas um eleitorado anti-guerra ideologicamente amplo.

Outra preocupação, de acordo com a professora da Universidade da Califórnia, Barbara Epstein, é que a Internet "permite que pessoas que concordam entre si conversem entre si e lhes dê a impressão de fazer parte de uma rede muito maior do que necessariamente". Ela adverte que a natureza impessoal da comunicação por computador pode realmente minar o contato humano que sempre foi crucial para os movimentos sociais.

**Movendo para ação off-line**

Famoso ativista Ralph Nader afirmou que "a Internet não faz um trabalho muito bom de motivar a ação", citando que Congressos Nacionais, corporações e instituições militares não necessariamente "temem o uso cívico da Internet." Ethan Zuckerman fala sobre "slacktivismo", alegando que a Internet tem desvalorizado certos padrões de ativismo. Os cidadãos podem "gostar" de um grupo de ativistas no Facebook, visitar um site ou comentar um blog, mas não se envolver em ativismo político além da Internet, como voluntariado ou prospecção. Essa crítica tem sido criticada como ocidental-centrada, no entanto, porque desconta o impacto que isso pode ter em contextos autoritários ou repressivos. A jornalista Courtney C. Radsch argumentou que mesmo esse baixo nível de engajamento era uma forma importante de ativismo para a juventude árabe porque é uma forma de liberdade de expressão e pode despertar a cobertura da mídia.

**Slacktivismo**

Outra preocupação, expressa pelo professor de direito e professor Cass Sunstein, é que discussões políticas on-line levam à "cyberbanalização" - discussões que levam à fragmentação e polarização ao invés de consenso, porque o mesmo meio que permite que as pessoas acessem um grande número de fontes de notícias também os permitem se identificar com que concordam e ignorar o resto.

Estudiosos estão divididos sobre se a Internet vai aumentar ou diminuir a participação política, incluindo ativismo online. Aqueles que acreditam que a participação política aumentará sugerem que a Internet pode ser usada para recrutar e se comunicar com mais usuários e oferecer modos de participação de custos mais baixos para aqueles que não têm tempo ou motivação para se envolverem de outra forma. Aqueles preocupados com o fato de que a Internet irá diminuir o ativismo, argumentam que a Internet ocupa tempo livre que não pode mais ser gasto em se envolver em grupos ativistas, ou que o ativismo da Internet substituirá formas mais substanciais e esforçadas de ativismo em pessoa.

**Clicktivismo**

Outra crítica é clicktivismo. De acordo com a techopedia, clicktivismo é uma forma controversa de ativismo digital. Os proponentes acreditam que a aplicação de princípios de publicidade como o teste A / B aumenta o impacto de uma mensagem, alavancando a Internet para aumentar seu alcance. Os oponentes acreditam que o clicktivismo reduz o ativismo a um simples clique do mouse, produzindo números com pouco ou nenhum compromisso real ou compromisso com a causa.

Micah M. White argumenta: "O engajamento político se torna uma questão de clicar em alguns links. Na promoção da ilusão de que navegar na web pode mudar o mundo, o clicktivismo é para o ativismo como o McDonalds é para uma refeição cozida lentamente. Pode parecer comida, mas os nutrientes essenciais já se foram ". Ele argumenta que o engajamento político se torna uma questão de clicar em alguns links e negligencia os eventos internos vitais e imensuráveis e as epifanias pessoais de que as grandes rupturas sociais são realmente feitas. Ele reduz o ativismo a um simples clique do mouse. Micah M. White continua a argumentar que "... o clicktivismo reforça o medo de se destacar da multidão e assumir uma posição forte, desestimula a necessidade de uma ação drástica e, como tal, o clicktivismo nunca criará uma revolução social. Ela é uma falácia, uma que está surgindo sobre nós ".